



MEMORIAIS DESCRITIVOS TÉCNICOS

DESCRITIVO TÉCNICO DE GALERIAS DE ÁGUAS PLUVIAIS E PAVIMENTAÇÃO ASFÁLTICA

ÁGUAS LINDA DE GOIÁS



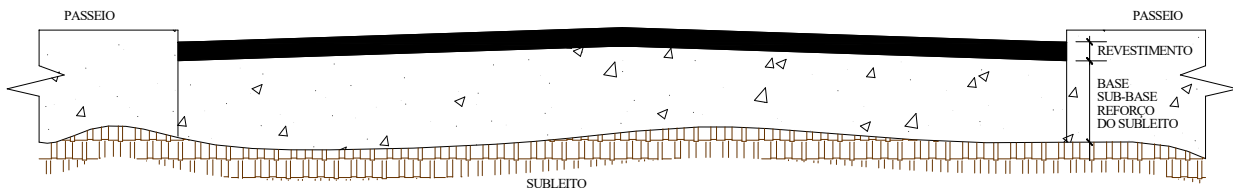
PAVIMENTAÇÃO ASFÁLTICA

1. PAVIMENTAÇÃO URBANA COM TSD

Este memorial descritivo tem o objetivo de apresentar as especificações técnicas e o dimensionamento da Pavimentação Asfáltica a serem instaladas na área de intervenção do referido Projeto.

4.1 DIMENSIONAMENTO DO PAVIMENTO

Pavimento - Sistema de camadas de espessuras finitas, assentes sobre um semi-espaço infinito, que é o sub-leito.



Este projeto basear-se-á no Método de Dimensionamento de Pavimento Flexível do DNER/DNIT-1966/79, que tem como base o trabalho “*Design of Flexible Pavements Considering Mixed Loads and Traffic Volume*”, da autoria de W. J. Turnbull, C. R. Foster e R.G. Ahlvin, do Corpo de Engenheiros do Exército dos E.E.U.U. e conclusões obtidas na Pista Experimental da AASHTO, com as considerações pertinentes às finalidades do Programa Asfalto Novo.

A seguir, serão apresentadas algumas considerações sobre o subleito, a fim de orientar o projeto de pavimentação:

- A espessura do pavimento a ser construído sobre o subleito será calculada de acordo com o presente procedimento, em função do suporte (CBR ou Mini-CBR) representativo de suas camadas, conforme demonstrado na Instrução de Projeto IP – 01 – Instrução Geotécnica.

- Nos casos em que as sondagens indicarem a necessidade de substituição do subleito (solos moles orgânicos ou turfosos), deverá ser considerado o valor do suporte do solo de empréstimo.
- Na determinação do suporte do subleito deverá ser empregado o Ensaio Normal de Compactação de Solos (ME-7 da SIURB/PMSP) e a moldagem dos corpos de prova deverá ser feita com a energia de compactação correspondente.
- No caso de suporte CBR > 2% e de expansão $\geq 2\%$, deverá ser determinada em laboratório a sobrecarga necessária para que o solo apresente expansão < 2%. O peso próprio do pavimento projetado deverá transmitir para o subleito uma pressão igual ou maior à determinada pelo ensaio. Portanto, a espessura da estrutura do pavimento deve ser tal que leve o pavimento a apresentar peso superior ao peso determinado no ensaio.

4.1.1 ESTUDO DO TRÁFEGO

Nesta primeira fase do trabalho composta pelos setores Águas Bonita I e Jardim América III, a pavimentação asfáltica será executada conforme definido em planta que segue anexa. As vias iluminadas em vermelho são as pistas consideradas como pista de via local e tráfego leve e as vias iluminadas em azul escuro são as vias local e coletora consideradas de tráfego médio.

Para que se possa sistematizar um procedimento de dimensionamento de pavimento flexível e utilizar o Método do DNER-DNIT/1966/79, considerar-se-á a incidência do menor número de solicitações do eixo padrão de 8,2 t, devido ao tráfego, número N, que o ábaco de dimensionamento permite.

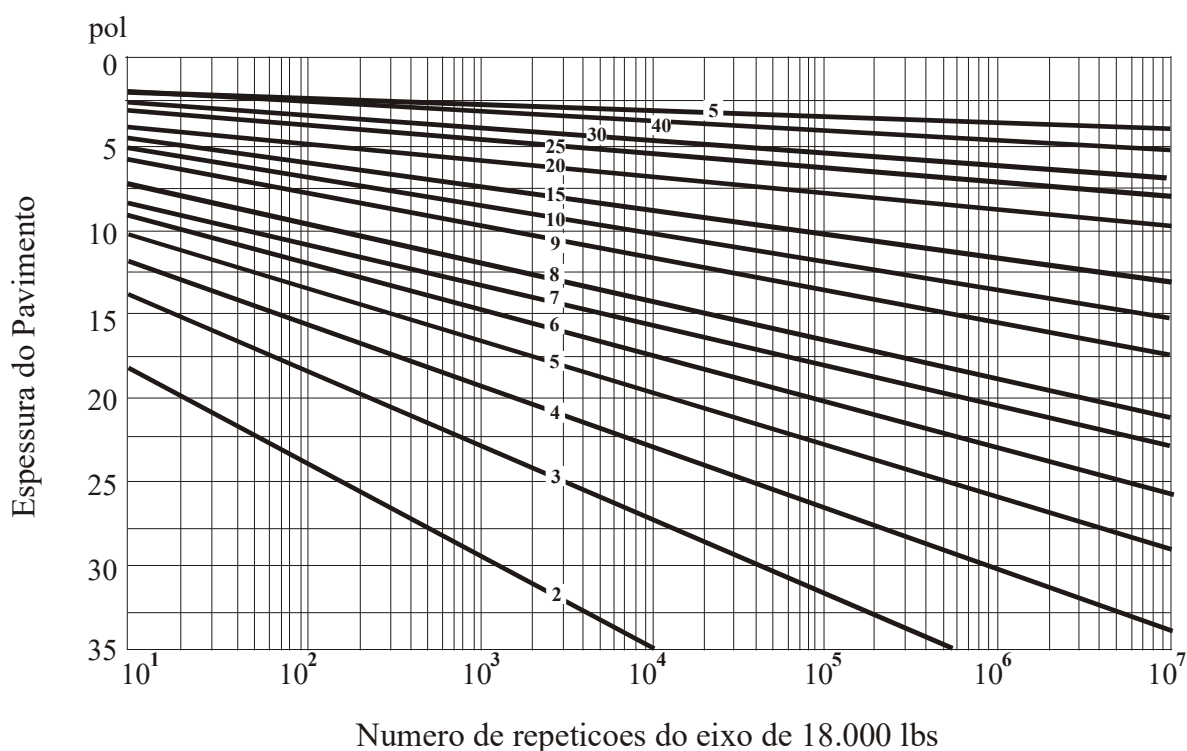
Um dos fatores que influem no dimensionamento dos pavimentos flexíveis é o tráfego que solicitará determinada via durante sua vida útil de serviço. Por este motivo é necessário determinar o número equivalente de operações de eixo padrão (N) baseado em estudos de tráfego previsto para a via. O quadro a seguir resume os principais parâmetros de classificação das vias obtidas da referida instrução.



QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS VIAS

FUNÇÃO PREDOMINANTE	TRÁFEGO PREVISTO	VIDA DE PROJETO (ANOS)	VOLUME INICIAL DA FAIXA MAIS CARREGADA		N	N _{Característico}
			VEÍCULO LEVE	CAMINHÕES E ÔNIBUS		
Via Local	Leve	10	50 a 200	10	0,7x10 ⁵ a 1,2x10 ⁵	10
Via Local e Coletora	Médio	10	401 a 1500	21 a 100	1,4x10 ⁵ a 6,8x10 ⁵	10 ⁵

GRÁFICO 1 – ÁBACO DE DIMENSIONAMENTO DE PAVIMENTO FLEXÍVEL MÉTODO DNER-1966/79

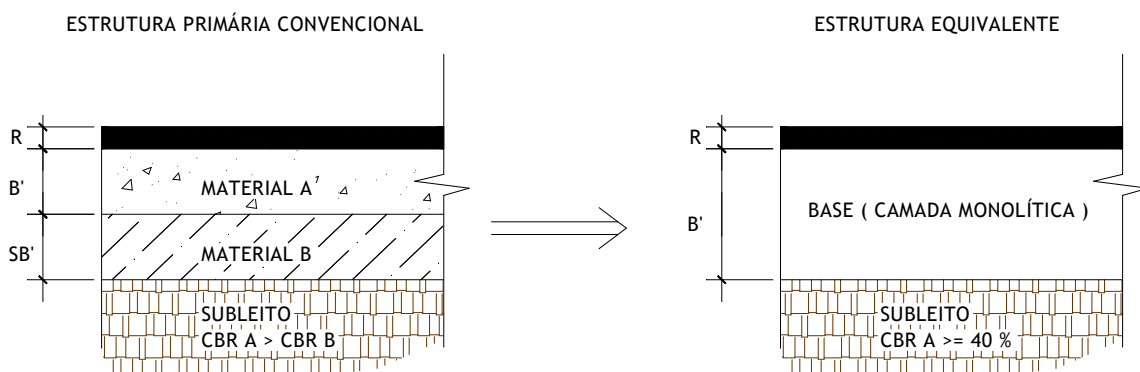


4.1.2 CAPACIDADE DE SUPORTE DO SUB-LEITO (CBR)

Optou-se por adotar um valor mínimo de Índice de Suporte Califórnia – ISC/CBR do sub-leito, de tal forma a obter as espessuras mais delgadas de pavimento, buscando economicidade. O CBR mínimo do sub-leito adotado é de 8%.

4.1.3 DETERMINAÇÃO DO REVESTIMENTO DA SUB-BASE E DA BASE

Sejam as duas estruturas de pavimento:



Uma vez definidos os parâmetros: número N e CBR do sub-leito pode-se dimensionar o pavimento com o auxílio do ábaco de dimensionamento e das inequações abaixo:

$$\text{Cálculo da Base: } R \times K_r + B' \times K_{B'} \geq H_{40} \quad (1)$$

$$\text{Cálculo da Sub-base: } R \times K_r + B' \times K_{B'} + SB' \times K_{SB'} \geq H_n \quad (2)$$

Onde,

R = espessura do revestimento;

Nota: Para dimensionamento de pavimentos flexíveis existem dimensões mínimas para o revestimento betuminoso R (considerando $K = 2,00$) em função do número de operações, conforme descrito no quadro a seguir:

QUADRO 2 – VALOR DE R EM FUNÇÃO DO NÚMERO N DE OPERAÇÕES

Número de Operações (N)	Revestimento Betuminoso (R)
$10 \leq N \leq 10^4$	Tratamentos superficiais betuminosos e outros tipos de revestimentos intermediários → R = 2,5 cm
$10^4 < N \leq 10^6$	Concreto betuminoso → R = 4 cm
$10^6 < N \leq 5 \times 10^6$	Concreto betuminoso → R = 5 cm
$5 \times 10^6 < N \leq 10^7$	Concreto betuminoso → R = 7,5 cm
$10^7 < N \leq 5 \times 10^7$	Concreto betuminoso → R = 10 cm
$N > 5 \times 10^7$	Concreto betuminoso → R = 12,5 cm

B' = espessura de base;

SB' = espessura de sub-base;

Kr = coeficiente estrutural do revestimento;

Nota: Para as camadas de revestimento executadas com as instruções foram adotados os coeficientes de equivalência estrutural apresentados no quadro a seguir:

QUADRO 3 – COEFICIENTES DE EQUIVALÊNCIA ESTRUTURAL

CAMADA DO PAVIMENTO	COEFICIENTE ESTRUTURAL (Kr)
Base ou Revestimento de Concreto Asfáltico	2,00
Base ou Revestimento de Concreto Magro/Compactado com Rolo	2,00
Base ou Revestimento de Pré-Misturado a Quente, de Graduação Densa/Binder	1,70
Base ou Revestimento de Pré-Misturado a Frio, de Graduação Densa	1,40
Base ou Revestimento Asfáltico por Penetração	1,20
Paralelepípedos	1,00
Base de Brita Graduada Simples, Macadame Hidráulico e Estabilizadas Granulometricamente	1,00
Sub-bases Granulares ou Estabilizadas com Aditivos	$\leq 1,00$
Reforço do Subleito	$\leq 1,00$
Base de Solo-Cimento ou BGTC, com resistência à compressão aos 7 dias, superior a 4,5 MPa	1,70
Base de BGTC, com resistência à compressão aos 7 dias, entre 2,8 e 4,5 MPa	
Base de Solo-Cimento, com resistência à compressão aos 7 dias, menor que 2,8 e maior ou igual a 2,1 MPa	1,20
Base de Solo melhorado com Cimento, com resistência à compressão aos 7 dias, menor que 2,1 MPa	1,00

$K_{B'}$ = coeficiente estrutural do material de base (solo granular);

$K_{SB'}$ = coeficiente estrutural do material de sub-base (solo granular);

Nota: Para solo granular o $K_{B'} = K_{SB'} = 1,00$

H_{40} = espessura necessária acima da sub-base, admitindo seu material com $CBR \geq 40\%$;

H_n = espessura necessária acima do subleito com $CBR = n$, no caso do projeto $n=8\%$.

- **Para dimensionamento de pavimento em TSD**

$$N = 10$$

$$CBR \text{ subleito} = 8\%$$

$$CBR \text{ base e sub-base} = 40\%$$

Com os valores de $N=10$ e os CBR's do subleito, da sub base e da base, encontramos as espessuras H_{40} e H_8 (em polegada), no **GRÁFICO 1 – ÁBACO DE DIMENSIONAMENTO DE PAVIMENTO FLEXÍVEL**.

$$H_{40} = 2'' \times 2,54 = 5 \text{ cm}$$

$$H_8 = 6'' \times 2,54 = 15 \text{ cm}$$

$$\begin{aligned} \text{Cálculo da Base: } R \times K_r + B' \times K_{B'} &\geq H_{40} \\ 2,5 \times 1,2 + B' \times 1,00 &\geq 5 \\ B' &\geq 2 \text{ cm} \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} \text{Cálculo da Sub-base: } R \times K_r + B' \times K_{B'} + SB' \times K_{SB'} &\geq H_8 \\ 2,5 \times 1,2 + 2 \times 1,00 + SB' \times 1,00 &\geq 15 \\ SB' &\geq 10 \text{ cm} \end{aligned}$$

$$\text{Base} + \text{Sub-base} = 2 + 10 = 12 \text{ cm}$$

Conforme normativo, sub-base e base não podem ser menores que 10 cm, portanto, para atender os padrões de segurança, será considerada uma camada de 12 cm no dimensionamento.

4.1.4 RECOMENDAÇÕES

a) Os materiais do subleito devem apresentar, impreterivelmente, as seguintes características:

- $CBR_{SL} \geq 8,0\%$
- Expansão $\leq 2,0\%$
- GC (Grau de Compactação) $\geq 98,0\%$ do Proctor Normal

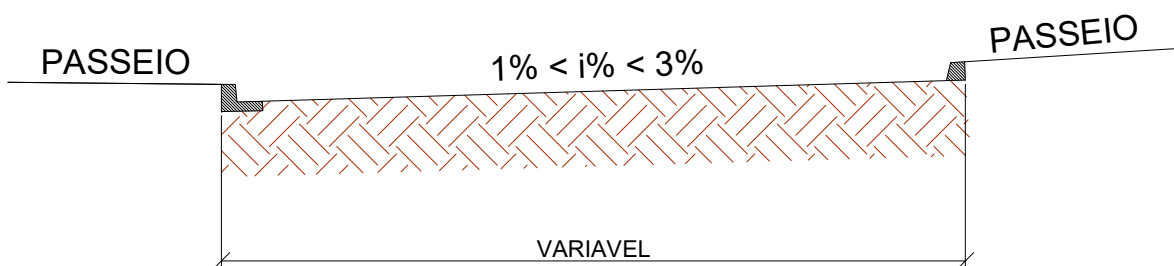
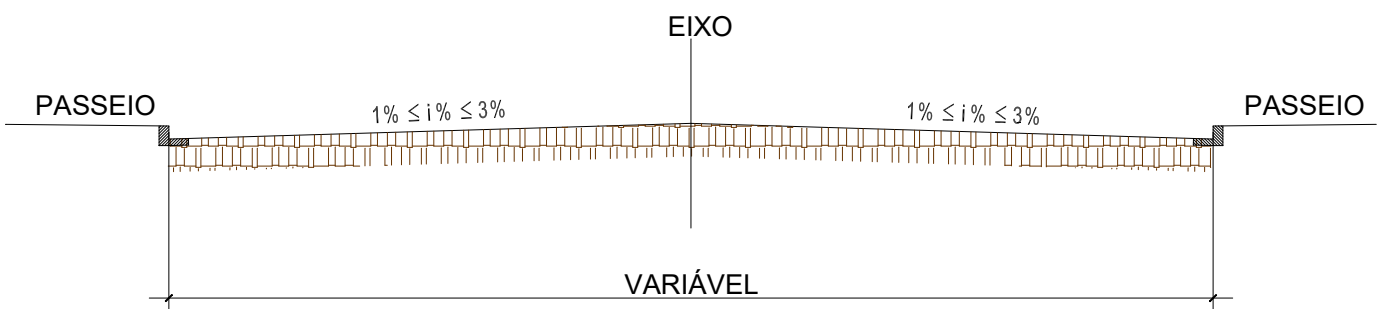
b) Os materiais de sub-base e base devem apresentar, necessariamente, as seguintes características:

- $CBR_B \geq 40,0\%$
- Expansão $\leq 0,5\%$
- Limite de Liquidez $\leq 30,0\%$
- Índice de Plasticidade $\leq 9,0\%$
- GC (Grau de Compactação) $\geq 98,0\%$ do Proctor Intermediário

c) O lençol d'água deve ser rebaixado de pelo menos 1,50 m de profundidade em relação à superfície do pavimento.

d) O Tratamento Superficial Duplo com capa selante e Concreto Betuminoso Usinado a Quente deve atender às Especificações Gerais de Obras Rodoviárias da AGETOP.

e) A drenagem superficial deverá considerar uma declividade longitudinal mínima de 0,5% e 1,0% de abaulamento mínimo na plataforma acabada.



Seções Tipo quanto à Drenagem (Detalhe de Projeto)

4.1.5 TRATAMENTO SUPERFICIAL DUPLO (TSD)

Terraplenagem, regularização do sub-leito de 20cm, compactação de base de 14 cm e capa asfáltica (TSD com capa selante).

TERRAPLENAGEM

- Os serviços preliminares de limpeza das vias que serão pavimentadas, uma vez definidas e delimitadas pela implantação topográfica, promoverá a retirada da camada vegetal, de vegetações que estejam obstruindo os trabalhos, entulhos e todo o material orgânico porventura existente no leito da via pública;
- Os *serviços de regularização dos perfis longitudinal e transversal* das vias serão executados seguindo o padrão do arruamento existente, ou seja, acompanhando preferencialmente a declividade longitudinal e transversal naturais da via, preservando o mínimo de 0,5% (ideal=1,00 cm) no sentido longitudinal e de 3,0 % no sentido transversal; evitando assim grandes movimentos de terra ou serviços complementares, cortes, aterros, empréstimos, etc;
- A área mínima, na qual as referidas operações serão executadas em sua plenitude, será compreendida na largura da plataforma da via acrescida de 0,30 m para cada lado, pelo comprimento da mesma;
- O controle das referidas operações será feito por apreciação visual da qualidade dos serviços, e/ou a critério da fiscalização;
- Os serviços de terraplenagem só serão iniciados, após a execução da drenagem profunda, galeria de águas pluviais e esgotamento sanitário das vias, quando recomendada tecnicamente.
- Todo material do rebaixamento deve ser aproveitado em possíveis aterros. Conforme memorial de cálculo e previsão da planilha orçamentária na pavimentação asfáltica considerou-se para o aterro momentâneo apenas 10% do material do rebaixamento. Em análise da memória de cálculo de quantitativos e das notas de serviço de terraplanagem o

volume de aterro aproximado não atinge nem os 10% do material do rebaixamento previsto.

PAVIMENTAÇÃO ASFÁLTICA

REGULARIZAÇÃO DO SUBLEITO

- Regularização do sub-leito é a denominação tradicional para as operações (cortes e aterros até 20 cm) necessárias à obtenção de um leito “conformado” para receber um pavimento. Pode acontecer, numa regularização do sub-leito, caso o solo seja orgânico, ou expansivo, ou de baixa capacidade de suporte, ou seja, solo de má qualidade, a necessidade de substituição da camada de solo. Sendo necessária, o solo substituto deverá ser analisado, não se admitindo $ISC < 8,0\%$ e expansão superior a 2%;

- A execução da regularização do sub-leito envolve basicamente as seguintes operações: escarificação e espalhamento dos materiais, homogeneização dos materiais secos, umedecimento ou aeração e homogeneização da umidade, compactação e acabamento;
- Os equipamentos a serem utilizados nestas operações são os seguintes: motoniveladora, grade de disco, caminhões “pipa” e rolos compactadores;
- Ao executar a regularização e compactação do sub-leito será tomado o cuidado de não atingir as tubulações de água, esgoto, telefone e fossas, bem como os tipos de moradias para não causar danos às mesmas;
- O controle geométrico da regularização deve ser o mesmo da terraplenagem, sendo a área regularizada e compactada compreendendo a largura da via acrescida de 0,30 m para cada lado pelo comprimento da mesma, observando as declividades longitudinal e transversal de cada via;
- O controle tecnológico da regularização do sub-leito deve atender os seguintes critérios:
- Para cada “pano” de até 100m de comprimento fazer um ensaio padrão de compactação com material retirado da pista, já homogeneizado. Aproximadamente no mesmo local realizar a determinação da densidade “in situ”, calculando-se, então o Grau de Compactação-GC;
- O serviço será considerado aprovado desde que apresente um $GC \geq 100\%$ do Proctor Normal e umidade “in situ” variando $\pm 2\%$ da umidade ótima de laboratório.

BASE ESTABILIZADA GRANULOMETRICAMENTE

- O pavimento será executado basicamente com uma camada de 14 cm (Base), para o revestimento for em TSD, composta de material granular devidamente analisado, não se admitindo material com $ISC < 40\%$ e expansão $\leq 0,5\%$;

- Os equipamentos a serem utilizados nas operações de estabilização da base são os seguintes: motoniveladora, grade de disco, caminhões “pipa” e rolos compactadores;
- A execução da estabilização da base envolve basicamente as seguintes operações: espalhamento dos materiais, homogeneização dos materiais secos, umedecimento ou aeração e homogeneização da umidade, compactação e acabamento;
- Ao executar a estabilização granulométrica da base será tomado o cuidado de não atingir as tubulações de água, esgoto, telefone e fossas, bem como os tipos de moradias para não causar danos às mesmas;
- O controle geométrico da base deve ser o mesmo do sub-leito, sendo a área regularizada e compactada compreendendo a largura da via acrescida de 0,30 m para cada lado pelo comprimento da mesma, observando as declividades longitudinal e transversal de cada via;
- A espessura da camada de base compactada será de 14 cm, verificando eixo e bordos;
- O controle tecnológico da base deve atender aos seguintes critérios:
 - a) Para cada “pano” de até 100m de comprimento fazer um ensaio padrão de compactação com material retirado da pista, já homogeneizado. Aproximadamente no mesmo local realizar a determinação da densidade “in situ”, calculando-se, então o Grau de Compactação-GC;
 - b) O serviço será considerado aprovado desde que apresente um $GC \geq 98\%$ do Proctor Intermediário e umidade “in situ” variando $\pm 2\%$ da umidade ótima de laboratório e imediatamente após a liberação a sub base deverá receber um forro de aproximadamente 5 cm de material da base e a base deverá receber a imprimação.

IMPRIMAÇÃO

- Imprimação é a operação que consiste na impregnação com asfalto da parte superior de uma camada de base de solo granular já compactada, através da penetração de asfalto diluído aplicado em sua superfície, objetivando conferir:
 - a) Uma certa coesão na parte superior da camada de solo granular, possibilitando sua aderência com o revestimento asfáltico;
 - b) Um certo grau de impermeabilidade que, aliado com a coesão propiciada, possibilita a circulação dos veículos da obra ou mesmo do tráfego existente, sob as ações de intempéries, sem causar danos à camada imprimada;
 - c) Garantir a necessária aderência da base granular com o revestimento tipo asfáltico, tratamento ou mistura.
- O ligante asfáltico indicado, de um modo geral, para a imprimação é o asfalto diluído do tipo CM-30;
- A taxa de asfalto diluído a ser utilizada é de 1,2 litros/m², devendo ser determinada experimentalmente no canteiro da obra a taxa ideal, observando durante 24 horas aquela taxa que é absorvida pela camada sem deixar excesso na superfície;
- Os equipamentos utilizados para a execução da imprimação são os seguintes: vassoura mecânica rotativa, podendo ser manual esta operação; caminhão espargidor, espargidor manual, para distribuição homogênea do ligante;
- A execução da imprimação deve atender os seguintes procedimentos:
 - a) Após a perfeita conformação geométrica da camada granular, procede-se a varredura da superfície, de modo a eliminar o pó e o material solto existente;
 - b) Proceder ao banho com o asfalto diluído, na taxa e temperatura compatíveis com seu tipo, de maneira mais uniforme possível;

c) Deve-se imprimir a pista inteira em um mesmo turno de trabalho e deixá-la fechada para o trânsito;

d) A fim de evitar a superposição, ou excesso, nos pontos inicial e final das aplicações, deve-se colocar faixas de papel transversalmente, na pista, de modo que o início e o término da aplicação do material asfáltico situem-se sobre essas faixas, as quais serão, a seguir retiradas. Qualquer falha na aplicação do ligante asfáltico deve ser imediatamente corrigida.

- O controle tecnológico da taxa de ligante aplicada na camada de base deverá ser verificada a cada “pano” de 100 m de comprimento, correspondente ao eixo longitudinal do caminhão.

4.1.6 REVESTIMENTO – TRATAMENTO SUPERFICIAL DUPLO COM CAPA SELANTE

4.1.6.1 CONCEITOS BÁSICOS

- **Tratamento Superficial Simples (TSS)** é um revestimento asfáltico sobre uma base imprimada constituindo essencialmente pela sobreposição de uma camada de agregado uniformemente distribuído sobre um banho de ligante asfáltico espargido. O envolvimento parcial do agregado pelo ligante betuminoso processa-se por penetração invertida, originada pela ascensão do ligante sob a ação de enérgica compressão.
- **Tratamento Superficial Duplo (TSD)** pode ser visto como um Tratamento Superficial Simples – TSS de agregado D1/d1 coberto com outro Tratamento Superficial Simples – TSS de agregado D2/d2, onde D1 e D2 são os diâmetros máximos e d1 e d2 são os diâmetros mínimos das duas faixas granulométricas de agregados que o compõe.
- **Capa Selante** é uma camada de agregado miúdo (areia natural ou areia artificial – pó-de-pedra) uniformemente distribuído sobre um banho de ligante betuminoso diluído (50% emulsão + água), objetivando a selagem da superfície revestida, constituindo-se numa terceira camada do tratamento superficial.

Nota: Para a execução do Tratamento Superficial, a base deve apresentar a necessária resistência à penetração das partículas de agregado, e uma superfície asfáltica (imprimada ou com pintura de ligação) sem falhas e bem limpa.

4.1.6.2 MATERIAIS

AGREGADO

- Será constituído de pedra britada;
- O agregado, somente de um tipo, deve possuir partículas limpas, duras, isentas de cobertura e torrões de argila, qualidades essas avaliadas por inspeção visual;
- O desgaste por abrasão Los Angeles (determinado pelo Método DNER-ME-35/64) deve ser inferior a 40%. Quando não houver, na região, materiais com esta qualidade, admite-se o emprego de agregados com até 50% de desgaste;
- A forma deve ser tal que o índice de forma (DNER-ME-86/64) não deve ser inferior a 0,5;
- A granulometria do agregado deve obedecer a inequação $\underline{d} \geq 0,5\underline{D}$, onde \underline{D} é a malha da peneira que passa 100% do material e \underline{d} é a da peneira que passa 0%, ou seja, retém todo material;
- Para o estabelecimento da classe granulométrica do agregado das camadas de tratamento superficial, além da inequação acima, deve-se ter:

$$\underline{D} \leq 1 \frac{1}{4}'' (31,8 \text{ mm}) \text{ e } \underline{d} \geq 3/16'' (4,8 \text{ mm});$$

- Para a relação entre diâmetros de agregado das duas camadas tem-se usualmente a regra $d_1 = D_2$, conhecida às vezes como composição de classes granulométricas contínuas, por exemplo:

QUADRO 4 – CLASSES GRANULOMÉTRICAS CONTÍNUAS

Classes Granulométricas Contínuas		
	1ª Camada	2ª Camada
I	1" - 1/2" (25 - 12,5 mm)	1/2" - 1/4" (12,5 - 6,3 mm)
II	3/4" - 3/8" (19 - 10 mm)	3/8" - 3/16" (10 - 4,8 mm)
III	1 1/4" - 5/8" (31,8 - 16 mm)	5/8" - 5/16" (16 - 8 mm)

Nota: As classes ou faixas granulométricas que devem ser adotadas para o tratamento superficial duplo, são as indicadas acima.

- Uma pequena porosidade é benéfica, pois favorece a adesividade passiva. Entretanto, caso se desconfie de uma alta porosidade (maior que 1,0% de absorção, calculada com os dados do DNER-ME-81/64: $a = 100(Ph - Ps)/Ps$) e se essa for confirmada, deve-se impedir o uso do agregado;
- A adesividade é uma propriedade do par agregado/ligante e deve ser determinada com o ligante que se vai realmente usar. Deve-se determinar a adesividade com o CAP-7 (DNER-ME-79/63; se ela for insatisfatória deve-se usar um “dope”, na proporção mínima de 0,5% e máxima de 1,0%, em relação ao peso do CAP, repetindo-se o ensaio até se encontrar um “dope” que no intervalo de % acima apresente satisfatório;

LIGANTE BETUMINOSO

- A emulsão asfáltica catiônica RR – 2C, a base de CAP – 50/60, é o ligante ideal para os tratamentos superficiais, apresentando ótima adesividade ativa e passiva com qualquer tipo de agregado, enquanto o CAP-7 (CAP-150/200) deve ser necessariamente “dopado”, com pelo menos 0,5% (mínimo para uma boa homogeneização) de um melhorador de adesividade (“dope”) eficaz, para uso com agregados eletronegativos (granito, diorito, gnaisse, arenito, quartzito, etc.) A RR-2C para se situar na faixa de 20 – 60 Saybolt-Furol (viscosidade), receberá um ligeiro aquecimento, da ordem de 60°C. Só é conveniente à abertura ao tráfego após cerca de 48 horas, quando toda a água evaporou e a RR-2C atingir sua consistência definitiva.

- Portanto, os ligantes asfálticos indicados para Tratamentos Superficiais passam a ser, pois apenas: RR-2C;
- Os ligantes betuminosos devem atender às especificações do Instituto Brasileiro do Petróleo – IBP, quanto à viscosidade, peneiramento, teor de resíduo, ponto de fulgor, etc.

DOSAGEM DO AGREGADO E DO LIGANTE ASFÁLTICO

- A “teoria” da dosagem dos Tratamentos Superficiais foi estabelecida originalmente em 1934 pelo Engenheiro neozelandês HANSON, que estabeleceu os seguintes princípios:
 1. O agregado a ser usado em cada camada deve ser do tipo “uma só dimensão”;
 2. Após seu espalhamento na pista o agregado possui uma porcentagem de vazios de 50%;
 3. Na compressão, os agregados orientam-se se apoiando em sua “maior dimensão” ficando com a “menor dimensão” na posição vertical, reduzindo-se a porcentagem de vazios para 20% (a espessura da camada após a compressão é igual à média das “menores dimensões” das partículas do agregado);
 4. Para fixar o agregado, os vazios finais (20%) devem ser preenchidos, de 50 a 70% com o ligante asfáltico, devendo o agregado ficar acima do ligante de 2,8 a 4,8 mm (3,8 mm em média) para se garantir uma superfície rugosa.
- Com base na teoria de Hanson pode-se estabelecer fórmulas que, com pequenos ajustamentos práticos, dão valores bem aproximados para as taxas de agregado e de ligante betuminoso, para as condições médias usuais. Essas taxas devem ser sempre testadas com experiências em verdadeira grandeza.
- Sendo assim, tem-se as seguintes fórmulas práticas para as taxas de agregado “a espalhar” T_{CAP-7} (CAP-150/200) T_{CAP} e de Emulsão Asfáltica RR-2C T_{EA} , em litro/m², considerando-se um melhor aproveitamento da EA em relação ao CAP de 6% no TSS e de 10% no TSD:

$$\boxed{\text{Tag} = K.(D + d)/2} \quad (1)$$

Onde:

Tag = taxa de agregado a espalhar em litro/m²

D e d = diâmetro superior e inferior, em mm, da faixa granulométrica

K = 0,90 se $d \geq 5/8''$ (16 mm)

K = 0,93 se $5/8'' > d \geq 3/8''$ (10 mm)

K = 1,00 se $d < 3/8''$ (10 mm)

Portanto,

$$\boxed{\text{T}_{\text{CAP}} = \text{Tag}/12} \quad (2) \quad \text{e} \quad \boxed{\text{T}_{\text{EA}} = 0,94. \text{T}_{\text{CAP}}/0,67} - \text{TSS} \quad (3)$$

$$\boxed{\text{T}_{\text{EA}} = 0,90. \text{T}_{\text{CAP}}/0,67} - \text{TSD} \quad (4)$$

- A regra de ouro para dosagem de um TSD continua sendo: o “máximo de ligante compatível com os diversos fatores” (tráfego, estado da superfície, forma do agregado e clima). A taxa ideal é aquela que provoca uma exsudação incipiente (após os primeiros meses de tráfego), pois o ligante asfáltico é o principal responsável pela vida do Tratamento.
- No estágio atual de fabricação de asfaltos no Brasil, o ligante “por excelência” para os Tratamentos Superficiais é, sem dúvida, a Emulsão Asfáltica Catiônica de Ruptura Rápida – RR-2C (com 67% de CAP-50/60, em peso, ou volume, desde que a densidade do CAP é praticamente igual à da água), apresentando-se o CAP-7 (CAP-150/200) como uma alternativa.
- É importante notar que há um melhor aproveitamento do CAP emulsificado, devido a sua menor viscosidade, em relação ao CAP aquecido que resfria violentamente ao ser espargido na pista. No TSS – Tratamento Superficial Simples esse melhor aproveitamento é da ordem de 6%, sendo maior no TSD – Tratamento Superficial Duplo, da ordem de 10%, devido ao “2º banho de emulsão” sobre a “1ª camada de agregado” ter um maior rendimento que o correspondente “2º banho de CAP”.

- Assim, se T_{CAP} é a taxa de CAP-7 (CAP-150/200), a T_{EA} taxa de RR-2C (com 67% de CAP residual) correspondente será de :

$$T_{EA} = 0,94.(T_{CAP}/0,67) \text{ para o TSS, e}$$

$$T_{EA} = 0,90. T_{CAP} /0,67 \text{ para o TSD}$$

- Logo, as dosagens de agregado e de ligante para o Tratamento Superficial Duplo – TSD é geralmente feita como sequência de dois TSS. Assim, pode-se usar como indicação para os estudos experimentais os mesmos procedimentos referente ao TSS.
- Por exemplo, seja a classe granulométrica I do TSD

QUADRO 5 – CLASSE GRANULOMÉTRICA I DO TSD

Classe I	Tag (l/m ²)	T _{CAP} (l/m ²)
1" - 1/2" (25 – 12,5) (1ª camada)	12,96	1,08
1/2" - 1/4" (12,5 – 6,3) (2ª camada)	9,4	0,78

Onde o total de $T_{CAP} = 2,23 \text{ l/m}^2$

Entretanto, quando se trabalha com Emulsão Asfáltica, para se tirar partido de sua maior fluidez, aumenta-se a taxa dos 2º banho e diminui-se da mesma quantidade do 1º banho. No Exemplo dado, tem-se:

$$1^\circ \text{ banho} + 2^\circ \text{ banho} = T_{CAP} = 1,86 \text{ l/m}^2 \rightarrow T_{EA} = 0,90. T_{CAP}/0,67 = 2,50 \text{ l/m}^2$$

Para saber qual a taxa de cada banho, toma-se geralmente o 1º banho de EA como 42% do total e o 2º banho de EA como 58%. Assim, tem-se no

Exemplo:

$$1^\circ \text{ banho} \rightarrow T_{EA} = 0,42. (2,50 \text{ l/m}^2) = 1,05 \text{ l/m}^2$$

$$2^\circ \text{ banho} \rightarrow T_{EA} = 0,58. (2,50 \text{ l/m}^2) = 1,45 \text{ l/m}^2$$

Total = 2,50 l/m²

- Dá-se a seguir, de acordo com a experiência brasileira, **como uma orientação para os estudos experimentais**, as taxas de Agregado e RR-1C, em condições não extremas de tráfego, clima forma do agregado e estado da superfície a tratar, para as 3 combinações das classes granulométricas I, II e III:

QUADRO 6 – TAXAS ESTIMADAS DE AGREGADO E LIGANTE BETUMINOSO RR-2C)

Taxas Estimadas de Agregado e Ligante Betuminoso (CAP-7 e RR-2C) (litro/m ²)				
Classes Granulométricas		Agregado a Espalhar	CAP-7	RR-2C
I	1" - 1/2" (1ª camada)	16 - 18	1,4 - 1,6	1,2 - 1,4
	1/2" - 1/4" (2ª camada)	8 - 10	0,7 - 0,9	1,7 - 1,9
II	3/4" - 3/8" (1ª camada)	12 - 14	1,0 - 1,2	0,9 - 1,1
	3/8" - 3/16" (2ª camada)	6 - 8	0,5 - 0,7	1,3 - 1,5
III	1 1/4" - 5/8" (1ª camada)	20 - 22	1,7 - 1,9	1,5 - 1,7
	5/8" - 5/16" (2ª camada)	11 - 13	0,9 - 1,1	2,1 - 2,3

QUADRO 7 – TAXAS ESTIMADAS DE AGREGADO E LIGANTE BETUMINOSO (RR-1C) PARA CAPA SELANTE

Taxas Estimadas de Agregado e Ligante Betuminoso (RR-2C) (litro/m ²) para a Capa Selante				
Classe Granulométrica		Agregado a Espalhar	RR-2C diluída em 50% de água	
única	4,8 - 0,075 mm	4 - 6	0,9 - 1,1	

EQUIPAMENTO

- Para a execução do TSD com capa selante são necessários os seguintes equipamentos: trator de pneus, vassouras mecânicas e manuais, caminhões espargidores e espargidor de operação manual, distribuidores de agregados, rolos compactadores lisos e de pneus;
- Todo equipamento deverá estar em perfeitas condições de uso, sendo a quantidade condicionada ao tamanho da obra.

EXECUÇÃO

A execução do Tratamento Superficial Duplo – TSD com capa selante envolve as seguintes operações:

1. Limpeza da superfície adjacente (imprimada ou com pintura de ligação);
2. 1º espargimento do ligante asfáltico (RR- 2C) (1º banho);
3. 1ª distribuição dos agregados (1ª camada);
4. Compressão da 1ª camada;
5. 2º espargimento do ligante asfáltico (RR – 2C) (2º banho);
6. Compressão da 2ª camada;
7. 3º espargimento do ligante asfáltico (RR- 2C) (da capa selante);
8. 3ª distribuição dos agregados (da capa selante);
9. Compressão da capa selante;
10. Eliminação dos rejeitos, e
11. Liberação ao tráfego.

Limpeza da superfície

- A superfície da camada subjacente deve se apresentar completamente limpa, isenta de pó, poeira ou outros elementos. A operação de limpeza pode-se processar por equipamentos mecânicos (vassouras rotativas ou jatos de ar comprimido) ou, em circunstâncias especiais, mesmo por varredura manual;

Espargimento do material asfáltico

- Procedida à limpeza, o espargimento do ligante asfáltico só deverá ser processado se as condições atmosféricas forem propícias. Recomenda-se pois, não iniciar os trabalhos antes do nascer do sol, sendo proibido a operação quando:
 1. a temperatura ambiente for inferior a 12°C para os CAPs e a 9°C para as EA;
 2. em dias de chuva ou sob superfícies molhadas; se o ligante for emulsão, admite-se a execução desde que a camada subjacente não apresente encharcada.
- Quando for trabalhar em temperaturas excessivamente elevadas, serão tomados os cuidados de se verificar a tendência de os agregados, aquecidos pelo sol, aderirem aos pneus dos rolos e dos veículos;
- A temperatura de aplicação do ligante asfáltico deve estar compreendida entre 80°C e 50°C; no caso da RR-2C (emulsão);
- Os materiais asfálticos serão aplicados de uma só vez em toda a largura a ser trabalhada e o espargidor, ajustado e operado de modo a distribuir o material uniformemente, pois depósitos excessivos de material asfáltico serão prontamente eliminados;

Distribuição de agregados

- A distribuição de agregados seguirá de perto a operação de espargimento do ligante betuminoso. Admitindo um espaçamento da ordem de 50 m, devendo-se ter em conta as seguintes regras práticas:
 1. a uma mesma temperatura, quanto maior a viscosidade do ligante a empregar, tanto menor deverá ser o espargimento;
 2. a uma mesma viscosidade do ligante a empregar, quanto menor a temperatura ambiente, tanto menor deverá ser o espaçamento.
- A operação de espalhamento será realizada pelo equipamento especificado e, quando necessário, para garantir uma cobertura uniforme, complementada com processo manual adequado. Excessos de agregado serão removidos antes da compressão.

Compressão dos agregados

- Os agregados, após espalhamento, serão comprimidos o mais rápido possível. Nos trechos em tangente, a compressão deve-se iniciar pelos bordos e progredir para o eixo e, nas curvas, deverá progredir sempre do bordo mais baixo para o bordo mais alto;
- O número de passadas do rolo compressor será de no mínimo 3, sendo que cada passagem será recoberta, na vez subsequente, em pelo menos a metade da largura do rolo; acredita-se que a compressão total se processa ao cabo de um número máximo de 5 coberturas (número de passadas no mesmo ponto);
- A primeira camada deverá receber individualmente apenas uma fraca compressão, procedimento este que faculta corrigir eventuais faltas e/ou excessos. A seguir, executa-se a camada subsequente, analogamente à primeira, procedendo-se, contudo a compressão nos moldes exigidos;
- É fundamental que a primeira rolagem se processe imediatamente após a distribuição dos agregados, compondo a integração do comboio de execução (espargidor de ligante – distribuidor de agregados – rolos de compressão) a ser disposto seqüencialmente e de forma igualmente espaçada. As passadas subsequentes poderão ser efetuadas com maior intervalo de tempo

Liberação ao tráfego

- Emulsão Asfáltica: o tráfego só deverá ser liberado após se assegurar o desenvolvimento completo da adesividade passiva (resistência ao arrancamento), propriedade que nesta alternativa requer tempos maiores; esta avaliação deve ser feita no começo da obra, estabelecendo-se, para orientação inicial, um repouso da ordem de 48 horas, o qual poderá ser alargado ou reduzido conforme as constatações.

Nota: A capa selante será executada conforme procedimentos das camadas do tratamento superficial.

4.1.6.3 CONTROLE TECNOLÓGICO

EMULSÃO ASFÁLTICA

- Em todo carregamento de emulsão que chegar à obra serão realizados os seguintes ensaios:
 1. Viscosidade Saybolt-Furol (Método P-MB-581);
 2. Peneiração (Método P-MB-609);
 3. Teor de Resíduo (% de CAP residual) – Método Expedito.

Nota: Os resultados dos ensaios devem corresponder aos constantes quando do carregamento da emulsão no fabricante, atendendo às especificações do IBP-Instituto Brasileiro do Petróleo.

AGREGADOS

- Antes do início da britagem, caso de ocorrência de material pétreo não explorada, deverão ser confirmados os valores de absorção, de abrasão Los Angeles e, se for o caso, de durabilidade, através de ensaios de 3 amostras estrategicamente coletadas, para posterior utilização da brita;
- Os agregados deverão enquadrar-se nas classes granulométricas especificadas anteriormente, apresentando boa adesividade ao ligante betuminoso e desgaste abrasão até 50%. Deverão também estar desprovidos de pó, senão deverão ser obrigatoriamente lavados quando da utilização;
- Atendidas as condições anteriores, para cada 30 m³ de agregado estocado será retirada aleatoriamente uma amostra para o ensaio de:
 1. Granulometria para verificação da classe granulométrica;
- Quando houver mudança de fonte de agregado, todas as características citadas anteriormente deverão ser checadas.
- O par agregado/ligante deverá atender à viscosidade satisfatória para a execução do TSD.

TAXAS DO LIGANTE E DO AGREGADO

- Para cada “pano” de 100 m de comprimento, as taxas deverão ser determinadas pelo tradicional processo da bandeja, pesada antes e depois do espargimento de ligante, e do espalhamento do agregado. Como a dosagem é sempre feita em base volumétrica deve-se determinar a massa específica do material. Para o ligante (CAP ou Emulsão) pode-se considerar \underline{d} (massa específica) = 1,0 kg/litro, e para os agregados usar uma caixa de madeira com dimensões internas aproximadamente de 0,30 x 0,30 x 0,20 m, tendo-se então: $\underline{d} = (P2 - P1)/V$, onde \underline{d} é a densidade solta, P2 – massa do (agregado + caixa), com a caixa cheia de partículas arrumadas a mão, e rasada o melhor possível, P1 é a massa da caixa vazia e V o volume da mesma calculado a base de régua. O valor d adotado é a média aritmética de pelo menos 9 resultados para a classe granulométrica em questão.

Todos os materiais aplicados, deverão obedecer as normas e especificações de **DNIT e AGETOP**, principalmente no que se refere as taxas de aplicação de brita e emulsão asfáltica.

A granulometria das camadas de agregado deverão obedecer as taxas granulométricas especificadas em normas técnicas.

A emulsão asfáltica RR - 2C, deverá obedecer as especificações do **DNIT**, principalmente quanto a viscosidade e teor do BETUME. .

4.2 MEIO FIO

4.3.1 MEIO FIO

Os meios fios serão executados em concreto, moldadas *in loco* através de equipamento apropriado nas dimensões definidas nos projetos, construídos com cimento, areia e pedra britada, devendo ter resistência de ruptura simples aos 28 dias maior ou igual que 150 kg/cm² (15 MPA's).

Os meios-fios sem sarjeta serão assentados sobre a capa asfáltica. As cavas para assentamento dos meios-fios serão fortemente apiloadas com soquete manual.

4.3.2 SARJETAS

As sarjetas serão executadas em concreto, moldadas *in-loco* e deverão apresentar uma resistência a compressão simples de 150 kg/cm² aos 28 dias.

O concreto deve ser plástico para que seja convenientemente lançado na forma e facilmente adensado e desempenado.

As sarjetas deverão ter declividade de 3% do pavimento para o meio-fio. As formas terão um alinhamento perfeito para que não haja ondulações.